

DA ALDEIA AO ASFALTO
– O Percorso Sociolinguístico dos índios residentes no Distrito de
Riozinho, Município de Cacoal, Estado de Rondônia *

Maria do Socorro PESSOA

RESUMO *Este trabalho é resultado de pesquisa sobre o grupo indígena Suruí Paíter, falante da Língua Suruí, residente em Riozinho, Município de Cacoal, Rondônia, Brasil. Os Paíter viviam em aldeias nas Linhas 8, 9, 10, 11, 12 e 14 da Área Indígena Sete de Setembro, na região denominada Aripuanã, na fronteira Mato Grosso/Rondônia. Após o contato com os imigrantes e a instalação de um Posto da FUNAI em Riozinho, os Suruí tiveram suas terras invadidas. Foram roubadas suas madeiras, animais e outros bens naturais. Seus rios e florestas foram devastados enquanto contraíam doenças provocadoras da mortandade de seus familiares. Por necessitarem de remédios, alimentos e vestuários, foram forçados a migrar para o Riozinho. À espera desses recursos adquiriram casas urbanas, transformando-as em imitações das malocas das aldeias. Aprenderam a língua portuguesa e hoje está instalada uma situação de uso do português e do Suruí entre os Paíter. Paralelamente ao uso dessas línguas, estão instaladas situações que conduzem à vitória da língua portuguesa. Investigamos os espaços de uso de uma ou outra língua, estabelecendo critérios metodológicos próprios à sociolinguística: questionários, roteiros para entrevistas, fitas gravadas em áudio e vídeo.*

Palavras-chave *Índios Suruí.- Sociolinguística.- Linguagem e cultura.- Sociedade e Linguagem.- Cultura e Sociedade*

ABSTRACT *This is a Sociolinguistics research work about the Suruí Paíter People. It treats about the Languages practices in Suruí Language and Portuguese Language, both spoken by the Suruí Paíter. This Indian People live in the District of Riozinho, nearby Cacoal City, in Rondônia, in Brazil. This research describes how is the Suruí `s life in Riozinho, what do they do for living and how is the bilingualism*

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 16 de dezembro de 2003, sob a orientação da Profª. Drª. Tânia Maria Alkmim.

happening. Besides these, we tried showing how Suruí Paíter do for using both the Languages, Portuguese and Suruí, in their way of life.

INTRODUÇÃO

Um percurso é um “itinerário”, é uma “ação de percorrer”, é “um espaço percorrido”, é um “trajeto”, um “movimento” (BUENO, 1986:850).

Para FERREIRA (1988:496), um percurso também é “o ato ou efeito de percorrer”, “espaço percorrido; trajeto”; “Movimento, deslocação”; “Itinerário, roteiro”. São definições de dicionários escolares de língua portuguesa. Busco, talvez em mim mesma, o que seria um “Percurso Sociolingüístico” e novamente vou ao Aurélio para verificar qual expressão, ou palavra(s) melhor descreve o que é *percorrer*, essa ação que conduz ao *percurso*. E encontro esse conjunto de registros:

“Percorrer. V.t.d. 1. Correr ou andar por, visitar em grande extensão ou em vários sentidos. 2. Passar por, ou ao longo de. 3. Esquadrinhar, investigar; explorar.”
(FERREIRA, 1988:496).

Acho que em “percorrer” encontro parte da justificativa para chamar esta Tese de Doutorado de “Percurso Sociolingüístico”, porque é o que fiz. Percorri e andei, fisicamente, em extensão e em vários sentidos, os diversos caminhos da vida do povo Suruí Paíter, residente em Riozinho, um pequeno Distrito de Cacoal, atravessado pela BR-364, a qual liga Cuiabá a Porto Velho, no Estado de Rondônia. Investiguei a vida desse povo indígena, visitando-o em toda a extensão, esquadrinhando e explorando seus usos de linguagem, fazendo observação participativa e morando com eles em duas épocas distintas. No ano de 2000, após concluído o Mestrado em Lingüística, eu residia em Cacoal (RO), cidade muito próxima dos Suruí, e decidi que esse povo seria meu tema de trabalho para o Doutorado. A região de Rondônia, particularmente a região de Cacoal, é um laboratório lingüístico, dado a existência de várias comunidades indígenas. Assim, iniciei meus contatos com os Suruí, sem saber exatamente, ainda, que trabalho viria a desenvolver.

Durante o ano de 2000, minhas visitas eram empolgantes, pois, eu ainda não tinha uma consciência muito clara a respeito do que buscava, viajava em meu próprio carro e não contava com os empecilhos naturais a um trabalho deste gênero, embora considerasse que já estava definido o tema e estar empolgada por aquele inédito fazer. Naquela época fiz visitas constantes às aldeias e convivi com os Suruí, em seu cotidiano.

No ano de 2002, após concluir as disciplinas do curso de Doutorado, decidi morar com os Suruí, tendo permanecido com eles entre os meses de Agosto a Dezembro. Foi durante essa estada que pude conhecer mais de perto a comunidade:

- percebi que os Suruí estavam em permanente deslocamento entre o Distrito do Riozinho (Município de Cacoal) e as aldeias. Mais do que isso, me dei conta de que esses índios permaneciam mais tempo na zona urbana que na aldeia;
- observei também que os Suruí adquiriam e falavam o português com mais fluência do que na época em que fiz meus primeiros contatos, em 2000;
- também observei que os Suruí estavam exercitando uma alternância no uso das duas línguas (Suruí/Português), sem ter consciência de que estavam praticando essa alternância;
- minhas observações mostravam, ainda, que alguns Suruí pareciam adotar uma fala estilizada em situações que eles consideravam formais.

A partir dessas observações, decidi estudar a situação sociolingüística do povo Suruí Paíter, procurando identificar os usos lingüísticos da comunidade – o português e o Suruí – assim como as atitudes manifestas em relação a essas línguas.

A convivência com os Suruí, desde os primeiros contatos, deixou claro para mim que meu trabalho não seria de natureza descritiva, preocupado com dados estatísticos. Tinha certeza que, ao permanecer nas aldeias e no Distrito, poderia apresentar uma visão do povo Suruí, mais próxima da realidade. Segundo CERTEAU (1990):

“... A estatística “apreende o material destas práticas e não à sua *forma*; ela põe à mostra os elementos utilizados e não o “fraseado” devido à bricolagem, à inventividade “artesanal”, à discursividade que combinam esses elementos todos “recebidos” e de cor “indistinta”. Por isso, “a sondagem estatística” só “acha” o que é homogêneo. Ela reproduz o sistema a que pertence”.

(CERTEAU, 1990:15-16).

Os efeitos do contato dos Suruí com o homem branco estavam alterando os costumes, o modo de vida e de linguagem do povo Suruí Paíter. Nesse sentido, para concretizar a pesquisa, eu precisava compreender suas crenças, suas estratégias e táticas de sobrevivência.

1. OS SURUÍ PAÍTER DE RONDÔNIA: UM ESBOÇO HISTÓRICO-ETNOGRÁFICO

1.1 Introdução

Os indígenas residentes em Rondônia, desde os primeiros contatos com os imigrantes vindos de todas as partes do Brasil para a região, assistiram a surpreendentes mudanças. Entre essas mudanças a mais marcante foi a construção

da Rodovia Cuiabá-Porto Velho, hoje denominada BR-364. Com a conclusão da BR-364 abriu-se o caminho para a imigração de pessoas que buscavam o “Eldorado Rondoniense”, propagado em toda a mídia nacional pelo Governo Brasileiro. Em consequência, a população de Rondônia passou de 85.504 pessoas em 1960, para 111.064 em 1970 e 490.153 em 1980 (IBGE, Censo Demográfico, 1960 a 1981).

O maior crescimento ocorreu, porém, na década de 1970, o que fez com que as cidades ao longo da BR-364 crescessem assustadoramente, dando à região motivos mais que suficientes para conflitos e lutas. Percebe-se, assim, que era inevitável que, com tal crescimento, a luta pela terra ocorresse desenfreadamente, iniciando-se, infelizmente, a ocupação das áreas indígenas, cujas terras foram sendo comprimidas e ameaçadas, num cerco cada vez mais fechado de violência, lutas e conflitos. Como se não bastasse toda a usurpação territorial e a conseqüente eliminação física de milhares de indígenas, os não-índios desenvolveram e utilizaram armas mais sutis de dominação e massacre, nos mais diversos domínios dos povos indígenas, inclusive no âmbito da cultura. Não foi diferente com o povo Suruí Paíter, nosso objeto de pesquisa.

1.2 Dados históricos

Os Suruí, residentes no Distrito do Riozinho, têm como língua materna a Língua Suruí, do grupo de línguas Tupi-Mondé, usada na vida tradicional da comunidade.

A bibliografia sobre esta nação indígena é praticamente inexistente, mas DAL POZ (1991) nos fornece dados relevantes quando explicita:

“... a bibliografia sobre os Suruí é ainda escassa. Os missionários W. & C. Bontkes, do Summer Institute of Linguistic, durante vários anos estudaram sua língua (Bontkes 1978, apud Moore 1984: 8), e obtiveram alguns dados sobre organização social e parentesco (Bontkes 1974). Os missionários Lori Altmann e Roberto Zwetsch (1980), da IECLB, traçaram um histórico dos contatos e um relato sumário de suas observações ao longo de um ano de permanência entre eles. Betty Mindlin, que os pesquisou entre 1979 e 1983, apresentou uma descrição despretençiosa do modo de vida Suruí, na qual destacou o sistema de nominação e a instituição do *ritual* de metades, que divide o grupo entre “mato” e “aldeia” a cada estação seca (MINDLIN, 1985). Quanto à mitologia, incluiu alguns fragmentos míticos. Dados escatológicos esta autora havia publicado anteriormente (MINDLIN, 1982). Ainda que os Suruí sejam os que mais se distanciam, não só lingüisticamente, porém culturalmente dos Gavião, Zoró e Cinta Larga, os temas e algumas personalidades míticas parecem recorrentes, ou mesmo explicam passagens das demais mitologias. Os Suruí foram ainda estudados por

Carlos Coimbra (1985), interessado em ecologia humana, e por Leda Leonel (1984), quanto à arquitetura e meio-ambiente.” (DAL POZ, 1991:25)

Segundo o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), em documento de 1998, o primeiro contato do povo Suruí Paíter com a sociedade envolvente deu-se em junho de 1969, através da FUNAI, no acampamento Sete de Setembro, fundado no dia 07 de Setembro de 1968 (daí a origem do nome de uma das aldeias do povo Suruí Paíter). O contato foi feito pelo sertanista Apoema Meirelles e seu pai, ambos pertencentes à FUNAI. O lugar onde ocorreu o primeiro contato é chamado, pelos Suruí Paíter de “Nambekó-dabadaki-ba”, que significa “o lugar onde os facões foram pendurados”, numa referência aos presentes que Apoema Meirelles e seu pai ali deixaram para os indígenas: machados, facões, panelas, facas e canivetes.

O povo Suruí Paíter, segundo a memória de nossos informantes pertencentes ao grupo, era essencialmente caçador, pescador e coletor; fazia também pequenos roçados para se auto-sustentar. Em 1969 eram, aproximadamente, 4.000 índios. De 1970 a 1974, sua população reduziu-se a aproximadamente 600 pessoas: muitos morreram por causa de sarampo, gripe e tuberculose. Suas terras foram constantemente invadidas e essa questão só foi resolvida definitivamente em 1981, com a retirada dos posseiros da área Sete de Setembro (FUNAI, 2002). Atualmente, os Suruí Paíter formam um grupo de cerca de 740 pessoas que habita as fronteiras dos Estados de Rondônia e Mato Grosso, no parque Aripuanã, com extensão de 220.000 hectares e onde estão instalados dois postos da FUNAI: o PIN Sete de Setembro e o PIN Linha 14. A área original do parque Aripuanã era, na verdade, um território contínuo que englobava os vários grupos Tupi-Mondé que formam um grande complexo cultural (DAL POZ, 1991). Suas terras, por estarem muito próximas da BR-364, estão cercadas por colonos, e, por isso, os Suruí Paíter sempre foram muito vulneráveis aos efeitos da colonização.

PERDIGÃO & BASSEGIO (1992), caracterizam os Suruí Paíter como uma sociedade tribal cuja área indígena abrange os municípios de Cacoal, Espigão D'Oeste e Aripuanã (MT). O acesso à área das aldeias se dá por terra e os Suruí Paíter estão distribuídos em 6 dessas aldeias, denominadas Linhas 8, 9, 10, 11, 12 e 14. Esta área está, hoje, homologada, e a demarcação está registrada em cartório pelo Decreto Federal nº. 88.876.

1.3 A aldeia e o período do pré-contato

Segundo a memória de nossos informantes Suruí Paíter, na aldeia, o centro da vida era a casa grande, a casa mais importante do Nambekô-dabada-quistá-coco, como é chamado, pelos Paíter, o conjunto de malocas. Na casa grande, a família vivia e se relacionava como família nuclear – pai, mãe e filhos. Só nos momentos mais importantes, quando faziam uma grande caça, todos se juntavam num ritual de

partilha. Os homens caçavam e providenciavam a carne e as mulheres podiam acompanhá-los nessas tarefas. As outras fontes de alimentação vinham da floresta, como a castanha, o mel, os frutos, o que exigia que os homens cortassem árvores e que as mulheres ajudassem a carregar os alimentos. A tarefa de pescar era de todos: homens, mulheres e crianças.

Quando necessitavam prevenir a fartura e a produção, invocavam os espíritos – Hô-êi--ê-tê – pois, para os Suruí Paíter, a invocação dos espíritos era e continua sendo sempre necessária.

Antes do contato com a sociedade envolvente, o povo Suruí Paíter utilizava-se apenas da sua língua, o Suruí, em todo tipo de comunicação com seus pares. Para melhor esclarecer o que esse povo fazia, como vivia e quais suas lembranças sobre isso, tendo em vista o pouquíssimo material escrito por especialistas sobre esta nação indígena, fomos buscar depoimentos junto a nossos informantes e também na Revista “Mensagem”, de circulação interna do CIMI, RO, de Janeiro/Fevereiro de 1997, na edição de nº. 102, que publicou a análise que os Suruí fizeram do que eles chamaram de encontro entre “Suruí x Yara”, que significa “encontro do povo Suruí Paíter com o homem branco”, na palavra do representante indígena Sampré-Suruí:

“No centro da Região Amazônica havia uma infinidade de povos de várias famílias. Muitos foram destruídos e esquecidos; porém os Paíter sobreviveram a todas as dificuldades e, lutam dia-a-dia contra a destruição da cultura. Pertencem à área Indígena Sete de Setembro, bem no centro de Cachola, próximo à BR-364. Antes do contato com o Yara, o povo Paíter já chegou a quase seis mil pessoas. Depois de vários massacres e epidemias que dizimaram mais da metade da população Paíter, estamos aumentando. Ainda nos lembramos das primeiras tentativas de comunicação dos Yara com os Suruí; foi através das prendas – facões, espelhos, panelas, etc. – pois queriam atrair nós para o mundo desconhecido. O primeiro momento do contato foi assim, contudo, os Paíter não aceitavam a presença desse “ser” que os assustava. Para não se deixar atrair fugiam sem dar importância ao que estava acontecendo, até que em junho de 1969 foram contactados, porque era um ano que os Suruí estavam em guerra com os Cinta-Larga.”

(Sampré-Suruí, Revista Mensageiro, nº.102-1977)

Os Paíter não guerreavam apenas com os Cinta-Larga, mas também com o povo Zoró e Gavião. Essas guerras eram para demonstrar a força física e a inteligência dos homens e para premiar os vencedores com festas, danças, cantos e bebidas. CHAPELLE (1982) registrou uma dessas festas, em seu trabalho sobre os Cinta-Larga, onde, pelas informações recebidas supunha serem esses idênticos aos Suruí:

“Ao contrário das informações que havíamos recebido em Brasília, os Suruí são muito diferentes dos Cinta-Largas. Embora pertençam ao mesmo grupo cavaíba, falam outro dialeto. No Posto Serra Morena, muitos Cintas-Largas imitam os brasileiros; aqui, ao contrário, os Suruí construíram suas malocas segundo os métodos tradicionais. Desdenham a alimentação dos civilizados e conservam a maior parte dos seus costumes. Preferiram viver livres. O único ponto comum entre as duas tribos parece ser seu temperamento belicoso, acrescido, nos Suruí, por uma vontade mais decidida de rejeitarem a civilização. Fenômeno tanto mais surpreendente quanto a frente pioneira está mais próxima, apenas a uns quarenta quilômetros, é que os Suruí enfrentaram os brancos antes dos Cinta-Largas” (CHAPELLE, 1982:125)

Pelos relatos apresentados durante a pesquisa, após o contato dos Suruí Paíter com o homem branco, inúmeras alterações ocorreram na vida desse povo indígena e, o que se vê hoje é um incessante percurso: aldeia/cidade/aldeia com o uso da língua portuguesa. Além disso, o contato com o homem branco criou, para o grupo Paíter, necessidades antes desconhecidas, como por exemplo:

- * necessidade de escolas com o conseqüente uso da língua portuguesa;
- * dependência em relação à saúde – o ritual tradicional de invocação á saúde foi substituído pela procura de remédios usados pelos homens brancos;
- * os cultos tradicionais do Pajé foram substituídos por religiões ocidentais;
- * mudanças nas relações físicas, sociais e culturais.

DADOS APONTADOS PELA PESQUISA DE CAMPO

As práticas de linguagem observadas e registradas junto á comunidade Suruí Paíter do Distrito de Riozinho, no Município de Cacoal, no Estado de Rondônia, confirmam o que nos ensina ALKMIM (2002):

“Aprende-se a falar na convivência. Mas, mais que isto, aprendemos quando devemos falar de um certo modo e quando devemos falar de outro. Os indivíduos que integram uma comunidade precisam saber quando devem mudar de uma variedade para outra.” (ALKMIM, 2001:27)

Nossa pesquisa mostrou que os Suruí Paíter aprenderam a língua portuguesa após o contato com o homem branco, mas hoje já não percebem em que espaços usá-la e, também, em que espaços continuar mantendo sua língua materna. Nesse sentido, podemos afirmar que o ambiente da língua Suruí no Distrito do Riozinho,

os padrões de proficiência, usos lingüísticos e atitudes dos informantes traçados neste estudo, sugerem que a língua Suruí está caminhando rumo à extinção.

A manutenção de uma língua minoritária depende do seu uso contínuo dentro de domínios lingüísticos bem definidos. É essencial que os falantes da língua minoritária sintam a necessidade de usarem as duas línguas na comunicação do dia-a-dia. O número de domínios em que a língua Suruí é considerada uma língua adequada está ameaçado, pois as aldeias estão em franco processo de extinção. Nos domínios de educação, atividades e vizinhança, o português é a língua quase sempre usada. É somente na presença de não-índios que alguns grupos, entre adultos e jovens utilizam ambas as línguas ainda com uma tendência maior em usar o português. As crianças nem sempre conseguem estabelecer essa distinção..

As atitudes lingüísticas sobre a língua Suruí são geralmente positivas e a maioria dos informantes considera o conhecimento da mesma como um componente importante na identidade Suruí Paíter. Porém, nos parece, só as atitudes positivas não são suficientes para manter essa língua no ambiente e espaço do Distrito do Riozinho, sobretudo porque as práticas observadas abalam os discursos proclamados.

Em resumo, os resultados que obtivemos a partir deste estudo é que a perda da língua étnica entre os Suruí Paíter do Distrito do Riozinho está ocorrendo mais amplamente do que podíamos esperar e que a maioria deles tem o português como a língua de prestígio para a comunidade. Apesar da insistência dos idosos na preservação da língua Suruí, com o falecimento desses é provável que essa desapareça, sobretudo porque os atuais adultos, futuros idosos, estão mergulhados no mundo da língua portuguesa.

Não gostaríamos de apontar isso, mas, é muito provável que esse desaparecimento seja tão rápido quanto tem sido o desaparecimento das madeiras nobres, das aves, dos animais e das riquezas naturais das aldeias dos Suruí Paíter!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIPOLO, A. & HOLMES, J. (1990). *The use of Tongan in New Zeland. Prospects for language maintenance. Multilingual and multicultural development*. Vol. 11. Nº. 6. p.501-521.
- ALKMIM, T. M. (2001). "Sociolingüística – Parte I". In: MUSSALIN, F. e BENTES, A. .C. *Introdução à Lingüística – domínios e fronteiras*. Vol. 1, São Paulo: Cortez Editora, p. 27.
- BASSEGIO, L. (1991). "Movimento dos Atingidos por Barragens em Rondônia". In: MABRO, O *Migrante* Objetivos, Ji-Paraná, junho de 1991. CEPAMI, nº. 10, 15, 17, 21, 23. Ji-Paraná, Rondônia.
- _____. (1992). *Migrantes Amazônicos – Rondônia: A Trajetória da ilusão*. Ed. Loyola.SP.
- IBGE – Dados Estatísticos, 1960 a 1981; 1986/1988.
Jornal Alto Madeira, 10.05.86.
Jornal Diário da Amazônia (Internet, p. 40)

Jornal do Brasil, 11/07/88.

Jornal o Estadão de São Paulo, semana de 3 a 9 de junho de 1988.

Jornal O Estadão, julho/1987 – Porto Velho.

Jornal O Estado de São Paulo, 14/10/83, p. 9; 19/07/83, p. 10, 03/07/82.

Jornal o Globo, 17 de agosto de 1989, Rio de Janeiro.

Jornal O Imparcial, 27/03/88.

Jornal O migrante, 12/08/88.

LABOV, W. (1966). *The Social Stratification of English in New York City*. Washington DC. Center for Applied Linguistics.

LÉVI-STRAUSS, C. (1953). *Antropologia estrutural*. 4. Ed.

MENEZES, E. (1991). *Retalhos para a História de Rondônia*. Porto Velho: Livro II.

MESSAGEIRO. (1997). *Serviço dos Povos Indígenas*. Publicação do Conselho Indigenista Missionário, Porto Velho.

PERDIGÃO, F. & BASSEGIO, L. (1992). *Migrantes amazônicos - Rondônia: a trajetória da ilusão*. São Paulo: Loyola.

VALE, M.S. (1995). *A situação Sociolingüística dos Karajá de Santa Izabel do Morro e Fontoura: uma abordagem funcionalista*. Dissertação de Mestrado. UFG. p.35-62.

WEINREICH, U. (1951). *Research problems in bilingualism, ith special reference to Switzerland*. Unpublshned PhD. Dissertation. Columbia, Univ.

WOLCK, W. (1973). "Attitudes toward Spanish and Quechua in Bilingual Peru". In: Shuy & Fasold, p.129-147.

WOLFSON, N. & MANES, J. (1985). (eds) "Language Attitudes in the Community". In: *Language of Inequality*. Berlin. Monton.